



A Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. M. da Costa; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, e c.

SUMMARIO

TEXTO: — *Chronica*, por Castor; — *Retratos parisienses: Martha Brandis*, trad. de D. Guiomar Torrezão; — *Persis: Julia*, versos, por Luiz da Silva; — *Litteratura Russa: Tres contos de Pouchkine*, trad. de Eduardo Sequeira; — *Béranger*, por Magalhães Fonseca; — *O quinto andar*, conto, por José Maria da Costa; — *D. Beatriz de Portugal* (continuação) por Alberto Pimentel; — *As nossas gravuras*; — *Em familia (passatempos)*; — *Um conselho por semana*; — *Tentação*, versos, por Alberto Osorio de Castro; — *Uns comem os figos...*, conto, imit. de Vidi-gal Salgado; — *A vingança de Milady*, por Catulle Mendes

GRAVURAS: — *Alfredo Keil*; — *A columna da Bastilha*; — *Frederico III, imperador da Alemanha*; — *Modas*; — *Morte do duque d'Orléans*.

CHRONICA

Der Kaiser ist todt. Morreu o imperador.

Nascera a 22 de março de 1797; venceu-o a morte a 8 de março de 1888. Nunca nenhum soberano atingiu uma vida tão longa e ao mesmo tempo tão gloriosa.

Nascer principe da Russia dois annos depois da paz de Bâle, assistir, saindo da primeira infancia, ao desastre de Iena, e morrer, nos fins do seculo, soberano d'uma nação de quarenta milhões de habitantes, legando ao seu successor o mais poderoso imperio do Continente, é quasi um sonho digno da imaginação de Shakespeare. Tal foi a existencia do velho monarcha que acaba de descer ao tumulo.

No entanto, as angustias e as magoas não o pouparam nos dez ultimos mezes do seu reinado. Entre essas magoas, a maior, sem duvida, foi provocada pela doença lenta e talvez incuravel que devora seu filho. Não deve haver pressa, diz o côco final de *Edipo*, em proclamar um homem feliz; esperemos, para isso, que elle morra sem ter experimentado um infortunio! Esta reflexão do poeta grego pôde perfeitamente applicar-se aos crueis incidentes que envenenaram o 91.º anno do imperador Guilherme. Se não viveu muito para a Alemanha, viveu demasiado para si mesmo e para o seu proprio repouso.

Desapparecendo mais cedo, a historia diria d'elle: «foi um monarcha a quem o destino não deu a mais leve contrariedade. «Prolongando a sua vida até aos limites da centena, deixou que a desgraça o ferisse. E se esta



ALFREDO KEIL

desgraça não lhe empanou o brilho da gloria conquistada, abriu comtudo o seu lar ao desespero e ás lagrimas.

Buffon definiu o genio com um simples palavra: a paciencia.

Tal foi o genio do soberano que a Alemanha pran-

têa desde alguns dias e a quem todo o mundo acabou de enviar uma saudação d'estima e de respeito.

O imperador Guilherme tinha em si todas as qualidades distinctivas da raça dos Hohenzollern: a applicação, a tenacidade, o espirito d'ordem, a paixão das coisas militares.

Rei da Prussia, imperador da Allemanha, o que dizer d'elle? O seu nome, a sua obra, é a historia da Europa inteira desde ha vinte e seis annos. Louvando-o, arrisca-se a gente a ser banal.

Fez a guerra? Desencadeou paixões? Mas teve o privilegio de viver bastante tempo, depois dos seus enormes triumphos, para assistir ao apaziguamento d'essas paixões, que suscitára na Austria, na Dinamarca, na França. Se agitou o mundo no primeiro periodo do seu reinado, no segundo acalmou-o á superficie.

A Dinamarca chora o Schleswig; a França chora a Alsacia-Lorena; mas a Austria deixou-se atrelar ao carro do vencedor; perdeu de vista Munich, e apenas fita os olhos em Serajewo e Salonica. Quanto á Italia, essa só procura abandonar-se á protecção da Allemanha.

No seu papel de pacificador olympico, o imperador Guilherme evidenciava uma serenidade inquebrantavel e profunda. A sua politica cifrava-se completamente n'isto: não restituir nada, e de nada mais se apossar. Jogára com sorte, e abandonára a partida, disposto a nunca mais tomar parte n'ella.

Na Europa estimavam-n'o pouco, mas a estima que se lhe negava, era compensada pelo respeito e pelo temor. Todos o respeitavam, todos o temiam.

Morto o velho *Kaiser*, o seu successor será talvez tão grande como elle, e a Europa saudaria com entranhado jubilo o advento de Frederico III, se o marido da *Ingleza*, o inimigo do chanceller não estivesse condemnado a uma morte proxima e horrivel.

Resta o principe Guilherme, o actual *Kronprinz*, um rapaz ainda, sem authoridade, nem sciencia de governo, nem pratica do mundo.

Guilherme I tinha fundado o imperio no meio do prestigio das victorias; os trabalhos e os successos da sua longa vida, as suas qualidades pessoaes, tudo contribuia para lhe attrahir veneração e confiança e para o revestir de authoridade. E' esta authoridade que falta a seu neto. O caracter demasiadamente *prussiano* do joven principe, não parece de molde para conciliar e seduzir. O amor que lhe attribuem pelas aventuras da guerra, pode arrastal-o a um caminho muito differente d'aquelle que nos ultimos annos seguira o finado imperador.

O advento provavel do principe Guilherme ao throno, irá, antes de tudo, lançar, atravez do recente imperio da Allemanha, estranhos elementos de desagregação. O que os principados e os reinos enalobados concediam a um glorioso velho de mais de noventa annos, recusal-o-hão, necessariamente, a um guerreiro que não tem ainda trinta, e que se vê forçado a dissimular as suas enfermidades physicas sob um dolman de hussard.

Para assegurar a sua authoridade e o seu prestigio, o futuro soberano tentará procurar um derivativo n'um grande conflicto, e encontrar no brilho das victorias os titulos indiscutiveis, que os seus predecessores tinham ganho, ao respeito e á obediencia da raça germanica.

O que succederá ámanhã? Ninguém o sabe, ninguém o poderá prever, emquanto ao actual imperador, ao pobre Fritz restar um sopro de vida. Quem nos diz, até, que o fim do velho soberano não será o começo do fim do novo imperio? Tudo é possivel, tudo!...

Por emquanto, estamos apenas assistindo ao vergonhoso espectáculo d'um filho que conspira, ambiciosamente, contra seu pae; que pretexta uma doença qualquer para não ir saudal-o a Leipzig, na sua penosa viagem de San Remo a Berlin; que procura por todas as

formas amargar-lhe os ultimos dias de vida, para que essa vida seja mais breve, para que mais cedo possa arrancar da fronte paterna a corôa imperial em que põe olhos cubicosos e avidos.

Por emquanto, como não chegou ainda o momento das grandes luctas sangrentas, dos grandes conflitos armados, estamos apenas vendo desenrolar-se deante de nós um triste drama de intrigas, de dissensões intestinaes, d'odios mal dissimulados, de vindictas crueis.

Bismarck conspira; Moltke conspira, o novo *kronprinz* conspira; conspiram todos quantos na Allemanha preferem a guerra á paz, e adoram as dictaduras; todos quantos se arreceiam da influencia da *Ingleza* sobre o espirito do *pater familias melancholi* e pacifico, que se chama Frederico III.

E no entanto, as pragmaticas palacianas mandam que Bismarck oscule na face, em Leipzig, com um beijo de Judas, o novo imperador que chega; ordenam que o filho descaroadado, em cuja alma se revolvem paixões monstruosas, dobre a cerviz diante do soberano recém-vindo; estatuem que pae e mãe, profundamente magoados, immensamente offendidos, não possam castigar com severidade o filho desleal e ambicioso.

E' que a vida da côrte constitue uma vida á parte, uma vida *sui generis*, em que o sentir dos reis, imperadores e principes tem de moldar-se, as mais das vezes, ás formulas palacianas, á esmagadora etiqueta convencional dos alcaçares.

E cá fóra, suppõe-se que o cingir uma corôa e o empunhar um sceptro, é a maior de todas as felicidades mundanas.

O' credulidade popular, que idiota que vós sois!

Transportando-nos do que se passa na côrte de Berlin, onde, até ha pouco, o venerando Guilherme I punha a nota serena da sua velhice respeitavel e do seu espirito conciliador, para o paço da Ajuda, analysemos o que ali acaba de passar-se.

Um rei sympathico e bonissimo convalesce de grave doença que lhe demudou as faces e que lhe exige repouso absoluto.

Pois a politica dos partidos, que conspira eternamente, não teve pejo de quebrar esse repouso e de amargar essa convalescença apenas iniciada, enviando ao lar do menarcha duas *tunas*, como por ahi lhes chamam na giria da imprensa, a pedirem, uma a conservação do governo, e outra, a queda do mesmo governo.

Ambas ellas diziam representar a opinião da paiz, d'onde se infere que o paiz tem duas opiniões, pelo menos.

E queriam que el-rei decidisse ali mesmo, sem hesitações, os almas damnadas! E el-rei, sem decidir nada, como devia, teve de atural as, deixando talvez, n'essa manhã, de cuidar do seu corpo combalido, da sua saude bem mais preciosa que o governo e a opinião d'um paiz, onde, afinal de contas, não ha opinião nem governo!

E' bom ser rei? Tão bom, como escrever, em Portugal, operas para S. Carlos. Tem-se tudo a perder e nada a ganhar. A *Dona Branca* custou a Alfredo Keil, além do seu trabalho inestimavel, a cifra redonda de dez contos de réis.

Para começo, para incentivo, não achamos mau. E queixam-se depois de que os compositores portuguezes não abundam!

Opinião d'um critico ácerca da *Dona Branca*, que, no nosso entender encerra formosissimos trechos e paginas brilhantes:

—A opera do Keil? Não é má, mas os coristas, a comparsaria e a orchestra fazem muito barulho. Bem se vê que parte da acção é passada no Algarve.

RETRATOS PARISIENSES

MARTHA BRANDÉS

(MORA)

I

Grandes olhos negros,—d'esse negro aveludado, mysterioso, que lembra os lagos adormecidos na concavidade de alguma antiga cratera, sem que um sopro lhe enrugue a superficie, sem que um lampejo auroral nem um fulgor de estrella lhe perturbem o immutavel repouso. Olhos que atraem e aterram, no fundo dos quais se desenha o vôo da inacessivel chimera, que irradiam a estranha dolencia do sonho e porventura o langor de ternuras, mais desejadas do que vividas, exprimindo ao mesmo tempo a fria e despotica vontade de attingir o zenith, de passar além das outras, de galgar a aresta da montanha d'onde a queda é mortal, mas da eminencia da qual se dominam os homens e as cidades.

Os cabellos, sombrios e espessos, cingem como de um turbante de crepe a fronte lisa e branca e avivam-lhe a alvura mate da cutis.

A bôca, muito vermelha, tem o quer que seja de imperioso, de sensual, e por vezes, de infantil nos seus risos aggressivos.

A sua expressão cambiante e fantastica, a sua brusca *gaminerie* e a sua suprema e altiva indiferença, perturbam e desconcertam.

Alta, moça, esbelta, Martha tem a figura harmoniosamente modelada, a linha flexivel da estatua moderna; o seu andar recorda o bello verso de Virgilio: *Vera incesu patuit Dea*.

Sabe vestir-se, escolhe sagazmente as fazendas e as côres, sabe o que pode existir de encanto suggestivo na imprevisita resurreição de uma moda abolida, na artistica antiguidade de uma seda exotica, na elegancia de uma pequenina capota pousada no cabelo.

Martha é a mulher de hoje e de amanhã,—uma investigadora e uma intelligente que vê, que trabalha, que crê e que pensa.

Parisiense desde a nuca até aos calcanhares, mas com um não sei que de primitivo e de evocador, que arrebatava o espirito para longiquas paisagens e epocas fecundas de legendas.

Assim deveria erguer-se nas muralhas de Babilonia, ante o povo entusiasmado, brandindo palmas e rugindo aclamações, o vulto de Judith, a heroica assassina, envolvida no seu vestido ensanguentado, com o seu rosto livido de tragico horror.

Assim deveria ter surgido ante os sacerdotes de Tanit a filha d'Hamilcar, apparecendo na escada das galeras aos soldados ebrios e amedrontando-os com o seu olhar de sybilla.

E é, entretanto, a mesma mulher, encarnando nos papeis vibrantes e angustiosos da nossa vida, abandonando-lhe todos os seus nervos, todas as suas forças, commovendo-nos até ás lagrimas pelos seus gritos apaixonados, pelos seus gestos desoladores.

E' a reviviscente das idades fabulosas, que foi, successivamente, a ingenua e encantadora menina, aninhada no luxo e na felicidade, ferida de subito, em pleno orgulho, por uma implacavel revelação, que despedaçava os seus unicos affectos,—o amor votado a sua mãe; e mais tarde a inconsciente mundana, devorada pela curiosidade do ignoto, sedenta de emoções, despenhando-se no lodaçal, colhendo a cada passo um desencanto e terminando pelo incesto odioso com um Cherubim que tem medo e que aos dezeseis annos está pervertido pelo amor de todas as impudentes.

E' a artista, ardente e febril, que era hontem a princeza de Birac, a pobre creatura desvairada pelo soffrimento, cujos olhos, cançados de chorar, se obscurecem de um véu sangrento e que arrancou a toda a sala um doloroso cafunho, quando, julgando-se livre, mas revoltada contra o seu crime, exclama perdidamente: —Mãe, mãe!

II

Barbey d'Aurevilly, o velho mestre que foi tão cruel para as mulheres, tratando-as sempre com o feroz desprezo de um anachoreta, deixou-se captivar pela pequena comedianta, que era então pouco mais de uma obscura discipula do Conservatorio.

As maneiras originaes de Martha, a sua perspicaz intelligencia, a sua apparente garotice, contrastando com a gravidade de certas phrases, cheias de curiosas affinidades e de estranhas revelações, impressionaram-o. O poeta votou-lhe uma afeição quasi paternal, lisongeou-a com preciosas galanterias, enviou-lhe os seus livros com maravilhosas encadernações.

A actriz foi a unica estrella que brilhou n'esse glorioso crepusculo.

A mulher é, com effeito, tão interessante como a artista.

Nervosa até ao excesso vibrante, como uma corda de viola, Martha tem entusiasmados doidos, melancolias indiziveis, receios injustificados.

Cada representação é para ella uma especie de estreia que a desorienta, que a adocece, que paralyza a sua energia.

Leu muito e sem ser pedante, como as outras, julga as obras e os homens com uma verdadeira delicadeza, com phrases inteiramente suas, que transluzem do refinamento do seu espirito, da acuidade das suas sensações e da originalidade de uma natureza que procura o novo e aspira ao absoluto.

Com as suas qualidades e os seus defeitos, mademoiselle Brandés é, incontestavelmente, entre as jovens comediantes do nosso tempo, uma d'aquellas que mais alimentam as esperanças dos que, como nós, adoram o moderno e detestam as estradas batidas e as velhas banalidades.

GUIOMAR TORREZÃO.

PERFIS

VI

JULIA

(A EUGENIO DE CASTRO)

Chamavam-lhe a *marquesa*
Nos salões do *demi-monde*;
Mas ninguem sabia d'onde
Viera a loira Ju'ita.
Chamavam-lhe a *marquesita*
Nos salões do *demi monde*.

O seu olhar delicado
Tinha um não sei quê de vago,
E era como um grande lago,
Muito azul e socegado .
O seu olhar delicado
Tinha um não sei quê de vago...

E os *dandys*, como os visinhos,
Em voz baixa murmuravam
Que a pouco e pouco matavam
Os seus beijos e carinhos...
E os *dandys*, como os visinhos,
Em voz baixa murmuravam...

LUIZ DA SILVA.

LITTERATURA RUSSA

TRES CONTOS DE POUCHKINE

I

O chale preto

Olho como um doido para o chale preto e o meu coração de gelo enche se-me de amargura...

Quando era novo e crente, amei loucamente uma grega. A formosa rapariga adorava-me; mas bem depressa chegou a hora dos meus pesares.

Estava um dia em companhia de alegres convivas quando um infame me bate á porta.—Estás a divertir te com os amigos, segredou-me, sem te lembrares de que n'este momento és traído pela tua amante. Dei-lhe ouro e amaldiçoei-o. Em seguida chamei um servo fiel, montei a cavallo, calando no intimo do peito todo o vislumbre de piedade, e partimos. Mal vi a porta da casa da minha infiel, fugiu-me a luz dos olhos e senti as pernas tremerem-me...

Atravessei sósinho a camara deserta... e fui dar com a ingrata no collo d'um armenio. Não pude conter o braço, a espada sibilou e o traidor nem tempo teve para acabar um beijo. Recalquei aos pés o corpo do miseravel, olhando silenciosamente para a donzella, que cada vez se fazia mais pallida...

Lembro-me das suas lagrimas, das suas supplicas e do sangue que corria...

A grega morreu, e com ella o meu amor. Arranquei-lhe da cabeça inanimada o chale preto, e com elle limpei a espada ensanguentada.

Logo que anoiteceu, o meu escravo lançou os dois corpos á agua do Danubio, e desde então nunca mais beijei olhos alguns; desde então nunca mais conheci noites felizes, e olho como um louco para o chale preto e o meu coração enche-se de amargura

A naiade

Junto d'um lago, em bosque sombrio, vivia outr'ora um monge sempre entregue á austeridade dos seu deveres, aos jejuns, á oração e ao trabalho. O velho abrira a sepultura que o haveria de receber, pelás proprias mãos, e nas ferventes preces só pedia ao ceu a morte que desejava. Um dia de verão, o anacoreta, de joelhos, á porta do arruinado casebre, resava ao Senhor. Os bosques escureciam pouco a pouco; sobre o lago agitavam se docemente tenues nevoeiros, e a lua avermelhada percorria o ceu, atravessando as nuvens.

O monge, casualmente, olhou para a superficie do lago, e a tremer de susto, sem poder comprehender, vé as ondas borbulharem e acalmarem-se subitamente, e de repente, leve como a sombra da noite e branca como a neve matinal das collinas, uma mulher nua sahir do seio das aguas e sentar se na praia silenciosa. Penteando o humido cabello, ella olha para o velho monge; e o santo homem, tremulo de susto, contempla as maravilhas que lhe são patenteadas. A naiade faz-lhe com a mão um signal animador, acena-lhe levemente com a cabeça, e qual estrella cadente, rapida desaparece no seio das aguas. O austero velho não pode dormir em toda a noite, nem socegar em todo o dia; sem querer, via a todo o momento ante si, a deslumbrante imagem da nimpha...

As florestas cobriram-se de trevas, a lua errava no ceu, e a nimpha de novo appareceu á superficie da agua, pallida e encantadora como sempre. Olha, acena com a cabeça, estende de longe os braços com meiguice, brinca com a agua, chora, ri, como uma creança, suspira e chama: «Monge... monge!... vem... vem!...» E de repente desaparece no seio das aguas, e tudo recae no primitivo silencio.

No terceiro dia, o eremita, apaixonado, sentou-se na praia encantada, e esperou a nimpha formosa, quando as sombras se estendem sobre os bosques...

A aurora tinha afugentado já as trevas nocturnas, e debalde o monge foi procurado. Não appareceu em parte alguma; sómente uns rapazes julgaram vér-lhe a barba grisalha á superficie das aguas...

Boudris e os filhos

Boudris tinha tres filhos, tres lituanios, como elle. Um dia disse-lhes assim: «Filhos, preparaes as sellas, arreae os cavallos, aguçae as espadas e as alabardas, porque chegaram noticias de que se preparam em Wilna tres exercitos, contra tres nações. Paz marcha contra os polacos; Olgerde contra os prussianos; e contra os russos o voivode Kestout. Vós sois jovens, robustos e bravos. Que os deuses lituanios vos protejam! Agora, como já não tenho forças para marchar aos combates, mando-vos a vós tres, marcando-vos os seguintes e diversos caminhos, onde cada um podeis obter uma recompensa. O mais velho que combata os russos em Novgorod.

As mulheres d'aquelle paiz enfeitam-se com estofos preciosos, as suas casas são ricas e o mobiliario é opulento. O segundo póde apoderar-se das grandes riquezas dos malditos Kripaks.

Teem ouro de todas as partes do universo, alcatifas d'uma brancura lactea e ambar em tal quantidade como a areia no mar.

Quanto ao mais novo, que sem receio se lance com Paz sobre a Polonia. Lá não ha grandes riquezas nem grandes esplendores; póde porém arranjar alguns sabres, e estou certo de que me trará uma nóra, pois não ha no mundo mulher mais formosa do que a donzella polaca. Ellas são folgasãs, como os mais brincalhões gatinhos; equalam as rosas em frescor, o leite em brancura e possuem uns olhos que brilham como duas estrellas. Nos meus tempos de rapaz estive na Polonia e de lá trouxe a noiva; e hoje, meus filhos, que estou com os pés na cova, recordo-me d'ella, sempre, com saudade.

Os filhos despediram-se do pae e poseram-se a caminho.

O velho espera-os, espera-os, e os dias decorrem uns após outros, sem elle ter noticias algumas. Nem um só apparece!

E Boudris diz tristemente:—Morreram!

A neve cae sobre a terra e o filho mais velho volta da longa viagem trazendo envolvida no manto uma carga pesada.—Que é? Que trazes? São rublos?

—Não, meu pae, é uma donzella polaca...

A neve cae como arminho, e um cavalleiro chega com uma carga envolta n'um manto negro.

—Que tens na capa? São alcatifas preciosas?

—Não meu pae, é uma donzella polaca...

A neve cae em flocos e o filho mais novo traz tambem o manto a envolver um grande volume.

O velho Boudris entristece, mas nada pergunta; o que faz é mandar convidar logo os parentes e visinhos, para assistirem ás bodas dos seus tres filhos.

BÉRANGER

O immortal poeta, cujas canções admiraveis são incontestavelmente um dos mais gloriosos monumentos litterarios da França, foi tambem um notavel politico e um cidadão benemerito do seu paiz, ao qual consagrou todas as faculdades do seu genio extraordinario, e todos os enthusiasmos do seu coração eminentemente patriota.

Béranger nasceu, como elle proprio nos declara,

Dans ce Paris plein d'or et de misère,
En l'an de Christ mil sept cent quatre vingt,

e falleceu tambem em Paris, em junho de 1837, no meio da consternação geral do povo que o amava com fanatismo, porque elle fôra, durante um longo periodo, o mais genuino interprete dos seus sentimentos, porque soubera traduzir, na linguagem mais digna e mais elevada, as suas dôres e as suas esperanças, porque, emfim, nos seus cantos palpitára sempre, intensamente, a alma generosa da grande e generosa nação franceza.

Depois de Napoleão, Béranger foi sem d'vida o homem que n'este seculo alcançou uma celebridade mais brilhante e mais popular. Todavia, o nome de Napoleão varreu o de ha muito para as montureiras sangrentas da historia, um sopro indignado da justiça inspirada nas modernas aspirações philosophicas e humanitarias, ao passo que o nome de Béranger, protegido pela admiração mais respeitosa contra os ataques da critica e contra a ingratitude do esquecimento, ha de viver eternamente na memoria do povo francez, e na memoria de todos que saibam aquilatar devidamente a belleza incomparavel dos versos do grande poeta.

A educação que Béranger recebeu na sua infancia foi em extremo descurada. Quasi inteiramente abandonado pelos paes, elle proprio conta, na sua auto biographia, «que nunca pode saber como aprendera a ler». Em 1789, sendo alumno interno de um collegio situado no faubourg Santo Antonio, assistiu, do alto de um telhado, á gloriosa tomada da Bastilha, e a esse proposito é elle, tambem, que nos diz: «Foi talvez a unica lição que n'esse collegio recebi; pois não me recordo de que lá me ensinassem nunca a ler ou a escrever.» A lição, porém, era tão grandiosa e tão imponente, que não podia deixar de se gravar profundamente no seu espirito juvenil; e a creança, que aos nove annos ainda não aprendera os rudimentos da leitura e da escripta, pode aprender n'esse dia memoravel o que podem a força e a vontade do povo, quando este se ergue nas ancias dolorosas do soffrimento, e escudado no direito e na justiça procura conquistar a liberdade e fulminar o despotismo.

Pouco depois, Béranger foi viver para casa de uma sua tia, em Peronne, e ahí começou a frequentar uma das escolas primarias gratuitas recentemente fundadas. Já então, apesar da sua curta idade, era um republicano ardente, que fazia discursos inflammados aos convencionaes de passagem em Peronne, e um livre pensador completamente desprendido de preconceitos religiosos, sabendo rir, com Voltaire, das theorias e das invenções Theocraticas. O meio social em que se educava essa prodigiosa creança, os extraordinarios successos a que lhe foi dado assistir, n'essa epoca em que o espirito humano recobrava os seus fóros, e a sociedade se reconstituia em bases inteiramente novas, exerceram na sua orientação mental—como hoje se diz—uma acção definitiva, e que desde logo se principiou a revelar.

N'um dia de tempestade, Béranger entretinha-se á porta de casa a contemplar a chuva e os relampagos, enquanto que sua tia, senhora extremamente devota, amedrontada com a furia dos elementos, se occupava em rezar e em aspergir a casa de agua benta. De subito, ouve-se o medonho estampido de um trovão, e Béranger cae redondamente, quasi fulminado pela descarga electrica. Quando voltou a si, as primeiras palavras que proferiu este livre pensador de doze annos, fôram as d'esta phrase sarcasticamente voltaireana:

«Então—disse elle dirigindo-se a sua tia—está satisfeita com a efficacia da sua agua benta?»

O pae de Béranger, que era um exaltado realista, vindo a Peronne em 1795, lamentou-se amargamente de encontrar seu filho eivado de jacobinismo, e como, segundo o seu parecer, a restauração monarchica não podia tardar, pensava já em obter para seu filho a nomeação de pagem do novo rei.

—Hei de apresental-o aos nossos principes legitimos—dizia elle.

—Mas cuidado—observou-lhe a tia do futuro poeta—não lhes vá elle cantar a *Marselheza*...

A vida de Béranger, constantemente simples e modesta, é um exemplo frisante do mais completo desinteresse e da mais extraordinaria abnegação. Zeloso em extremo da sua independencia, nunca accitou nem honras nem proventos, fosse qual fosse a sua origem. Em balde duas revoluções, com dezoito annos de intervallo, se empenharam na tentativa de o enriquecer e de o elevar aos cargos mais eminentes do estado. Béranger tudo

recusou, contentando-se apenas, para prover ás necessidades da sua subsistencia, com um modesto emprego, que exerceu até ao momento em que julgou que a sua independencia podia com isso soffrer.

Commentando esta feição característica da physionomia moral do grande poeta, escreve Barthélemy Saint-Hilaire, n'um estudo que serve de prefacio a uma edição popular das canções:

«Tem-se pretendido ver, n'esta constante e inflexível dignidade, um calculo de amor proprio. E' isto, porém, um erro, que só commetteram os que nunca trataram com o homem que tão mal julgavam. Por temperamento, pela primeira e dura experiencia da vida, por amor das cousas mais elevadas e mais solidas, pela contemplação habitual do bello, fundamento de todas as artes e de toda a poesia, Béranger achava-se, sem o menor esforço, acima das ambições, ou, para melhor dizer, das necessidades vulgares. Póde-se afirmar, sem metaphora, que viveu dos seus versos, pedindo-lhes, antes de mais nada, a satisfação do seu proprio pensamento, e não querendo, além d'isto, tirar d'elles senão os mais indispensaveis recursos. Foi pobre, porque assim o preferiu. Se isto foi da sua parte uma tactica, é para receiar que não provoque grande numero de imitações, por muito que ellas fossem para desejar.»

A alma de Béranger foi, por assim dizer, um religioso sacrario do mais acrisolado patriotismo. Amando e cantando as glorias da França, chorando os seus infortúnios e os seus revezes, recordando-lhe, nas horas de desalento, os seus triumphos e procurando insufflar-lhe as suas esperanças, o poeta julgava ter cumprido a sua missão, e nenhum outro papel se prestou a desempenhar na sociedade do seu tempo.

Béranger começou, desde muito joven, a poetar. Durante annos ensaiou o seu estro em todos os generos de poesia, proflando em desenvolver e aprimorar o seu talento por um trabalho incessante e por um estudo pertinaz. Afinal chegou um dia em que logrou ver os seus esforços coroados pelo applauso publicos, e esse applauso indicou-lhe que seriam as canções—um genero ligeiro, reputado, em geral, facilissimo—que lhe franqueariam o caminho da popularidade e da gloria, entrevisto nos seus dourados sonhos de poeta. Esse primeiro triumpho obteve-o elle com a celebre canção do *Rei de Yvetôt*, publicada em maio de 1813, e que era, evidentemente, uma satyra vibrada contra o imperador—satyra inspirada nas idéas revolucionarias de 89.

Il était un roi de Yvetôt
Peu connu dans l'histoire,
Se levant tard, se couchant tôt,
Dormant fort bien sans gloire.

A canção correu manuscrita de mão em mão, com geraes applausos, que a todos os respetos merecia, não só porque n'ella se revelava um poeta de primeira ordem, mas tambem porque era um grito de independencia que irrompia do meio do geral servilismo perante o despotismo que então governava a França.

Em seguida a estas, muitas outras canções, tão finamente juvenaes e satyricas como *Le Sénateur*, *Ma grand mère*, *Le petit homme gris*, *Les Gueux* e ainda muitas outras, popularisaram extraordinariamente o nome de Béranger, e começaram a firmar a sua reputação de poeta notabilissimo. De tal modo essas canções eram conhecidas e cantadas em toda a Europa, que o seu auctor dizia com inteira rasão: «Nos tempos modernos sou talvez o unico escriptor que, para tornar populares as suas obras, poderia dispensar perfeitamente a imprensa.»

Béranger não cantou nunca nos seus poemas senão o imperio caído. Nunca lisongeou senão o infortunio. As suas canções patrioticas, como *Le cinq mai*, *Le vieux sergent*, *Le Vieux drapeau*, *Le chant du Cssaque*, *Waterloo*, etc., são hymnos formosissimos, vibrantes de entusiasmo guerreiro e de entusiasmo poetico. Não era, porém, ao conquistador que o poeta revolucionario entoava esses hymnos; era ás victorias da França, que elle amava com todo o fogo do seu ardente patriotismo, e cujas humilhações e desgraças profundamente sentia.

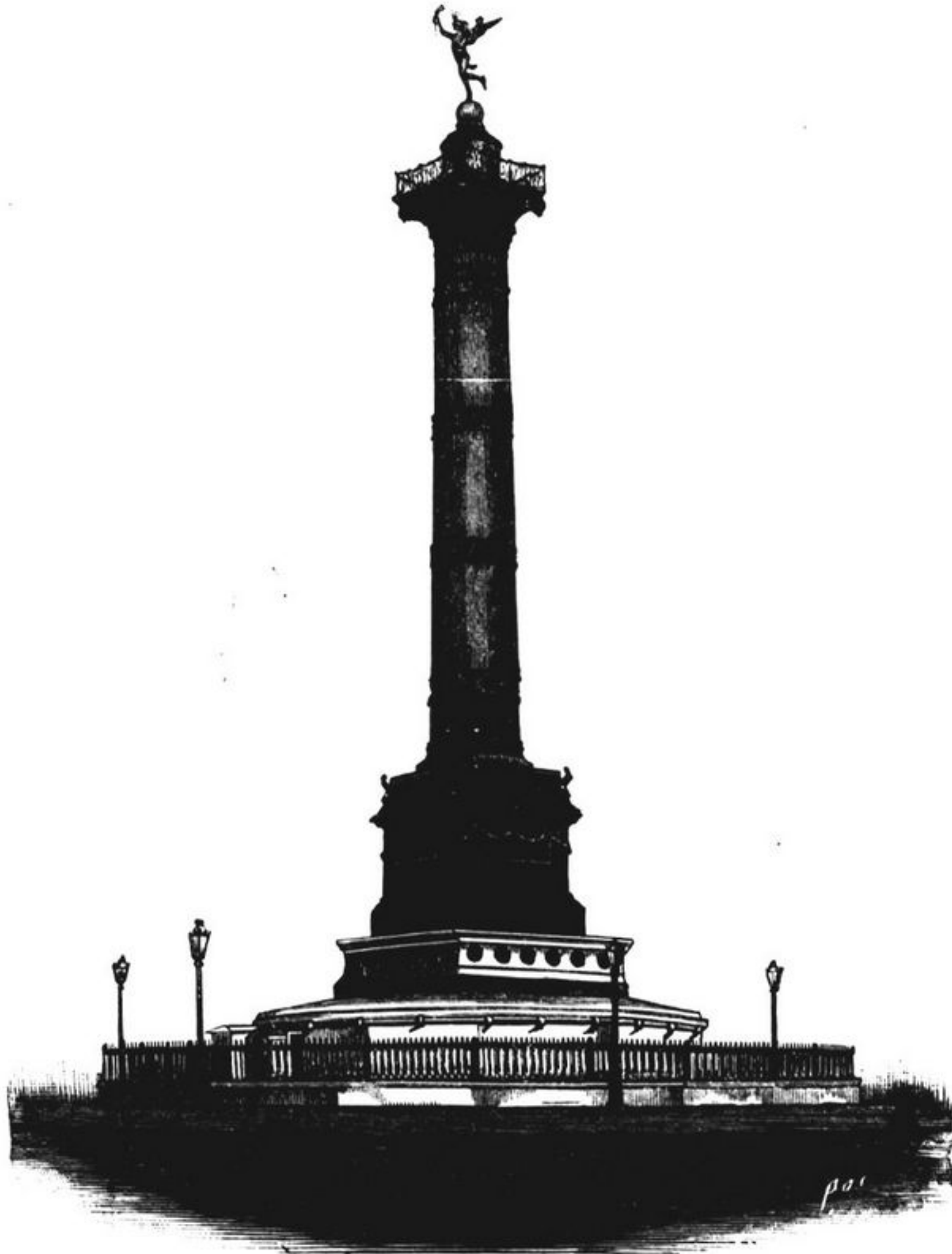
A restauração foi a época mais brilhante da sua carreira poetica. A invasão de 1814 e de 1815, a queda do imperio e as consequencias que d'esses factos advieram para a França, encheram-n'o de indignação e de pesar, e provocaram-lhe as mais violentas represalias e as satyras mais pungentes. A monarchia fizera-lhe as propostas mais tentadoras, e promettera-lhe as mais generosas recompensas; mas Béranger respondeu espirituosamente aos que assim pretendiam captival-o: «Dêem-nos os Bourbons a liberdade em troca da gloria, e eu os cantarei gratuitamente.» E como a transacção não foi accete, Béranger collocou-se na vanguarda da opposição, e fazendo dos seus versos armas de combate, tornou-se um dos inimigos mais implacaveis e mais terriveis dos Bourbons.

O regimen imperial, que só a a negação absoluta da liberdade, era então meramente desejado por todos os verda-

deiros patriotas, que se sentiam justamente feridos pelas humilhações da derrota. O orgulho nacional e o orgulho do arrojado capitão, a gloria da França e a gloria do nome napoleonico, tinham-se tornado como que solidarios, tinham-se unido n'uma causa commum. Assim, quando o direito divino esmagava aos pés a França democratica, Béranger cantava as victorias de Napoleão, contra o despotismo do qual, aliás, protestava sempre, pugando com ardor pela liberdade e pelos direitos do povo.

Por duas vezes foi o poeta perseguido judicialmente por causa dos seus versos. Da primeira vez o tribunal condemnou-o a tres mezes de prisão, da segunda vez a nove mezes de prisão e dez mil francos de multa. D'estas perseguições zombava elle espirituosamente, dizendo que a monarchia se encarregara de *dorer sur tranche* os volumes das suas canções.

Effectivamente, tão mesquinhos expedientes apenas serviam para dar cada vez maior importancia politica ao immortal auctor das canções. Como sempre succede, as sympathias do povo inclinaram-se ainda mais para o lado da victima; a multa a que o condemnaram foi paga por subscrição publica e afinal chegou



A COLUMNA DA BASTILHA

um dia em que a popularidade de Béranger se tornára tamanha que lhe não era dado apparecer em publico sem que fosse alvo das mais calorosas ovações.

Como poeta, Béranger é por todos os criticos considerado um dos mais notaveis classicos da França, titulo a que lhe dá jus a pureza da sua linguagem e a extrema correcção dos seus versos. Como cidadão, a sua memoria é digna do mais profundo acatamento pelo desinteresse quasi heroico que sempre manifestou no theatro da vida publica. Finalmente, como simples individuo affirmam os seus biographos que foi constantemente um prodigio de bondade para todos que a elle recorriam, enxugando as lagrimas do infortunio com uma caridade sem limites, e pondo ao serviço dos outros toda a enorme influencia de que dispunha e de que já mais se utilisára em proveito proprio.

E foi assim—enriquecendo a litteratura franceza com as suas inimitaveis canções, fazendo penetrar, como diz Saint Hilaire, os puros raios da poesia nas mais tenebrosas camadas sociaes, exemplificando, na esphera da acção da sua vida publica, as mais austeras virtudes civicas, espalhando em torno de si toda a bondade e todo o amor da sua alma terna e compassiva, que Béranger conseguiu gravar o seu nome glorioso n'um dos mais indestructiveis marmores da historia.

MAGALHÃES FONSECA

O QUINTO ANDAR

Da janella alta do seu quinto andar, descobria a Adelaide o mar vasto e prateado pelos raios solares. O ar parecia-lhe ter a transparencia acariciadora e tepida das manhãs de maio, embora no ceo, de um azul purissimo, não se encastellassem as nuvens redondas, pequenas e grossas, em circulos, como resplendores de santos, que caracterizam o mez das flores e do Sagrado Coração de Maria.

E' que rompia a primavera, rebentavam as folhas nas arvores; as faias de Hollanda, as tilias e os eucaliptos das praças e dos squares, vestiam-se de verde; e os passaros pipilavam de alegria, com esse instincto da natureza mãe, que lhes indica a proxima estação dos ninhos.

Na propria frente sombria dos precitos, tinha-se apagado o clarão sinistro do odio social, accendido pela miseria, alimentado pelo frio, acirrado pela falta do pão quotidiano.

A luz da primavera sorria a todos na sua diluição aerea, infiltrava-se nas almas.

E a nossa costureirita, na pequenina janella do seu quinto andar, mirava as ondas de prata, a terra, o ceo, o ar. E tinha beijos para esse gigante liquido, formoso e indomavel, que lhe devia trazer, como o cysne do Lohengrin, a barca adorada, onde o seu Pedro voltaria da estação d'Africa, sob a bandeira das quinias, altivo e arrogante no seu uniforme azul da armada.

Como ella o amava! Oh! Deos! Porque pozeste no coração da pobre rapariga tanta dedicação e poesia, tanto carinho e amor? Porque?

Ella, a Adelaide, era orfã e tinha dezeseite annos. Era formosa e picante, d'essa formosura das filhas do povo, feita de carnes solidas e frescas, de olhos profundos e negros, de labios vermelhos e carnudos. Appetitosa.

E o Pedro adorava-a tambem. Lá da Africa, mandava-lhe cartas tão ardentes, que a noiva, de inverno, para espantar o frio, collocava-as junto do coração entre a camisa e a carne. Escaldavam. Dormia com ellas e sonhava. Ah! o que sonhava o diabo da rapariga!

E quando, no dia seguinte, tinha completado a sua tarefa para o armazem de modas, tomava a penna de lança, rapida como um estylete, e escrevia-lhe enormes cartas de cinco folhas, cartas devoradoras, contando-lhe os seus sonhos de dormente e os seus devaneios de acordada.

Senhores! o que a gentil pequena escrevia com mão febril n'aquellas adoraveis missivas, teria feito a riqueza do editor de um novo *Secretario dos Aman'es*.

Pobre creança! Como ella adorava o seu Pedro, que se transformava em mulato ao sol dos ardentes areaes africanos!

A Adelaide era arranjada, e de accordo com a mãe do Pedro, ia dispondo as suas economias no enxoval do casamento para quando o noivo voltasse.

Pelo seu lado, a mãe do marinheiro, auxiliada pelas irmãs d'elle, ia comprando a mobilia mais indispensavel para aquelle futuro ninho, com o cuidado que um coração de mãe sabe pôr n'estas cousas.

Um dia, um garotete de dez annos, irmão mais novo do Pedro, subiu offegante n'uma correria phantastica, ao quinto andar, como costumava sempre que levava noticias do joven marinheiro, e depois de abraçar com a doce alegria das creanças a sua futura cunhada, entregou-lhe a ultima carta vinda d'Africa.

Tomou-a a rapariga com alvoroço e leu, leu, leu.

O que o brejeiro lhe dizia! Cousas!

E saltou ella, logo, aos beijos no cunhadito, para expandir com alguém a exuberancia de felicidade que lhe trasbordava do coração.

N'esse dia não foi capaz de dar um ponto nas ricas toilettes que tinha entre mãos para a loja de modas. Não se casava tão calculadora serenidade com o seu temperamento sanguineo.

O Pedro dizia-lhe n'aquella carta, que era a ultima que lhe escrevia, porque ia partir para Lisboa. Apesar de estar apenas ha seis mezes em Africa, o navio em que elle servia, tinha recebido telegramma para partir immediatamente para o reino, para desempenhar uma commissão d'alta importancia, e não tinha havido tempo de mudar a guarnição. Era devido a esta circumstancia extraordinaria que elle vinha já a caminho do Tejo.

Dizer o que a Adelaide sentiu d'ali em diante, vendo proxima a realisacão dos seus sonhos dourados e por motivos secretos que logo se verão, julgue-o quem tiver passado por igual transe.

A' esplendida rapariga pareciam-lhe os dias mais bonitos, mais radiosos as manhãs primaveris, mais prateado o mar, mais odoríferas as flores dos seus vasos, mais encantadores os gorgeios do seu canario. Tudo assumia aos seus olhos proporções novas, visto pelo prisma do amor.

E esta existencia pacifica e candida, enchia a agua-furtada de uma luz consoladora, a luz da esperança.

Mas basta um minuto, uma palavra, uma noticia, para demoronar desapiedadamente todo o radiante castello de cartas em que se apoia a felicidade humana.

A corveta onde servia o Pedro, chegou finalmente ao Tejo, entrou altiva, singrando magestosamente rio acima; e apenas os primeiros marinheiros saltaram em terra, levaram a familia do seu collega a noticia terrivel de que o infeliz rapaz tinha caído ao mar, durante uma borrasca, para não mais apparecer.

A Adelaide achava-se em casa da familia do Pedro e caiu redondamente desmaiada, ao ouvir a fatal nova. Mas ainda aqui não devia ficar a sua infelicidade. O abalo que sentiu com a inesperada noticia, produziu n'ella tal effeito que a obrigou a revelar o seu estado adiantado de gravidez, produzindo um enorme escandalo nas vizinhas da escada, que acudiram uma noite aos seus gemidos e gritos.

Felizmente para ella, o fructo do seu amor nasceu morto; mas a infeliz rapariga era fraca de mais para poder arrostar com o seu desespero, com a maledicencia do mundo e com a perda total das suas illuções; e n'um bello impeto tragico, n'uma manhã de sol, olhou pela ultima vez o mar e pareceu-lhe frio e indifferente á sua immensa dor; fixou as nuvens ligeiras como veos de noiva desdobrados no ceo, e julgou isso uma ironia puogente; mirou as suas flores, impassiveis e córadas nos vasos; viu com amargor o seu canario trinando e saltitando alegre como se não estivesse ali a sua dona afflicta, prestes a morrer; e fechando subitamente os olhos e benzendo-se, atirou-se da janella do seu quinto andar á rua, como um fardo pesado, inutil, desacreditado e sórdido, posto fóra da porta da grande alfandega humana que se chama a—sociedade.

JOSÉ MARIA DA COSTA.

D. BEATRIZ DE PORTUGAL

(Continuado do numero 33)

IV

E' certo que em torno da infanta D. Beatriz se levantaram desde o principio algumas recriminações. Mas não partiam do duque de Saboya nem procediam de ciúmes. Partiam do povo.

D. Beatriz tinha sido educada na opulencia e, como era natural, não perdera facilmente esse habito. Os saboyanos achavam-na altiva, orgulhosa, e criticavam n'ella os costumes de Portugal.

O duque, bem ao contrario dos sentimentos que lhe attribue o codice citado por Herculano, transigia com a esposa.

Elle proprio, quando a cõrte se dirigiu a Genova, seguia o coche rico que conduzia a duquesa, montando uma mula, acompanhado pelo abbade de Beaumont.

Os genovezes, segundo o testemunho de Spon, censuravam que Carlos III dispendesse em pompas, para honrar sua esposa, o dinheiro que melhor seria empregado em fortificar a cidade.

Não obstante estas censuras, as festas continuaram.

Por sua parte, a duquesa devia sentir-se contrariada porque, tendo sido educada no esplendor dos Paços da Ribeira, via-se agora condemnada a viver n'uma cõrte pobre e endividada, não sem que o povo murmurasse a menor despesa que ella fazia.

Mas, é Clareta quem o confessa. A experiencia não devia



FREDERICO III

tardar em corrigil-a. D. Beatriz inteirou-se das circumstancias, como mostra a sua correspondencia, que Claretta examinou com cuidado, e que elle proprio divide em politica e particular.

Desprendida de todos os defeitos de educação, mostrando um espirito desassombrado, como o de quem não está impressionado por a saudade de um amor infeliz, como teria sido o de Bernardim Ribeiro, Beatriz de Portugal principia a cuidar seriamente dos negocios internos do paiz.

Logo em 1524 escrevia ao marquez de Pescara para que fizesse cessar as violencias que os soldados do imperador Carlos V, depois da victoria de Pavia, commettiam no ducado de Saboya com grande vexame para os habitantes. Carlos III implorava tambem no mesmo sentido.

A 13 d'agosto d'esse mesmo anno, D. Beatriz instava de novo, dirigindo se ao capitão imperial Fernando d'Alençon para que deixasse de opprimir os povos do Piemonte, em particular os de Borge e Bagnolo, *in maniera che li nostri subdicti li quali già tanto hanno patito non seano in tuto ruynati*.

O imperador, cada vez mais sollicitamente instado pelos duques de Saboya, respondia com boas palavras apenas: em carta, data de Toledo a 7 de fevereiro de 1526, diz a Carlos III que tem por elle e por a duqueza sua cunhada a maior consideração; que os vexames commettidos no Piemonte o contrariam tambem; mas que espera pôr lhes termo logo que vá a Italia.

A 12 d'esse mesmo mez de fevereiro, a duquesa de Saboya, D. Beatriz, escrevendo ao commendador de Murel, dizia-lhe: «*Vous n'aues pas a ignorer les insultes et pelleages que alguns souldars estantz dans Carmagnole auecques leurs complices ont fait sur le pays de Monseigneur de maniere que tous les chemins sont rompuz qui est grant scandalle por tout le pays ce qui ne voulons plus en durer*».

Mas os vexames, as humilhações continuavam.

A 22 de fevereiro, a duquesa energeticamente recommendava á communa d'Ivrea que lhe enviasse duzentos homens, dos melhores, a fim de policiarem os logares vexados pelos soldados do imperador.

Em abril, como continuassem as coisas no mesmo pé, D. Beatriz escrevia ao marquez del Guasto, pedindo-lhe que fizesse retirar as tropas que devastavam Raconigi.

Sempre valeram as supplicas repetidas e instantes de D. Beatriz junto de Carlos V.

O imperador calmára um pouco a sua vingança, pois que tivera contas a ajustar com Carlos III, ao qual em 1521 havia escripto, tratando-o não por principe italiano, mas por seu *visinho d'Italia*, pedindo-lhe que obstasse á passagem do exercito de Francisco I: no que fareis o vosso dever, e a mim me dareis singular prazer, que não será esquecido.

O duque de Saboya não só não obsteu á passagem do exercito francez, senão tambem o forneceu de viveres e munições.

D. Beatriz, logo que ponde inteirar-se dos negocios politicos do paiz, e intervir n'elles, procurou corrigir o desacerto do marido. Como vimos, dirigia-se supplicante ao imperador ou aos seus capitães, e tanto captivara Carlos V, que elle, comquanto sempre dissimulado, acabou por attender-lhe as supplicas.

Em 1524 D. Beatriz dera á luz um filho.

Os seus deveres de mãe não a inibiam comtudo de interferir sollicitamente nos negocios politicos do ducado,—com tal zelo, com tal dedicação, que não deixa no nosso espirito sombra de suspeita de que ella, no caso de ter sido amada por Bernardim Ribeiro, podesse lembrar-se ainda do infeliz trovador portuguez.

O duque de Saboya tinha fixado a sua residencia em Chambery, cujo clima molestava D. Beatriz, nascida e educada nas regiões temperadas do occidente. Alem do que, conservando-se no Piemonte, podia Carlos III observar de mais perto os acontecimentos da Italia.

Esta ausencia obrigada contrariava muito D. Beatriz, como se vê de uma carta sua escripta ao duque a 21 de fevereiro de 1526: «*...votre retour qui m'est si long que plus ne pourroit. Já não podia supportar a ausencia do marido. Como estaria esquecido Bernardim Ribeiro, se alguma vez tivesse sido lembrado! No fim da carta falla-lhe do filho. Du surplus votre filz se porte tres bien, etc. Deixou para o fim, como as mulheres sempre fazem, o pensamento que mais podia attrahir o marido.*

Carlos III, reconhecido á intervenção de sua mulher junto do imperador, escreveu-lhe de Chambery para Turim, em 19 de junho, uma carta que completamente esmaga a suspeita de qualquer resentimento amoroso.

Diz a carta:

«Ma femme. J'ay receu toutes vos lettres par Chasteaufort et par luy entendu de vos nouvelles que me sont a tel aise et plaisir que plus me porriert mesmes vous voyant en bonne santé et les afferez reduitz a souhet dons auons a louer notre seigneur et de tant plus qu'aues hen si bon heurt que de faire une si belle oeuvre au bien et soulagement des subjectz et a votre gros honneur et reputation. Que vous sera succes et accroissement de vertu Jay ausplus veu vos aduys et vous assure que estre ces gens entierement vuydes ie ne tarderay a vous aller veoir et cependant ie men vey des demain Annessy car a... se fait le ba-

ptesme qui na este retarde que pour attendre les ambassadeur^s des ligues et ne fault au demorant qu'aye nul soucy de ma personne car aidan Dieu elle vos sera conseruee et de notre fils. Je vous assure quil fait graces a Dieu auquel ie prie qui vous donne ma femme le bien que ie vous desire. De Cambery le XVIII^e jour de juns—Votre bon mary, Charles.»

(Continúa).

ALBERTO PIMENTEL.

AS NOSSAS GRAVURAS

ALFREDO KEIL

Alfredo Keil acaba de ter, em S. Carlos, a sua consagração como maestro, no applauso entusiastico ao seu famoso *spartito* —*A Dona Branca*.

Ha 5 annos apresentou se pela primeira vez ao publico, no palco da Trindade, o talento musical de Alfredo Keil. E foi applaudido, muito applaudido, porque a sua operetta, *Suzanna*, era prova d'uma aptidão notavel, promettedora de um futuro de gloria, que chega hoje, apoz um largo caminho de estudo, de trabalho, de meditação, de febre e ardor na paixão de uma obra, em que o talentoso maestro poz o seu fito, o seu ideal côr de rosa.

E' perfeitamente de artista a organização de Alfredo Keil: musico e pintor, e tambem, naturalmente, poeta. Ainda que não faça versos, que ha poetas assim. Ainda ha poucos dias a penna delicadissima de Julio Cesar Machado, o grande folhetinista, dizia d'elle:

«Em Alfredo Keil, o typo não é determinadamente marcado, de um musico, de um pintor, ou de um poeta; denuncia o, porém, com um temperamento artistico, que condiz com as suas aptidões variadas.

«Além de alguns quadros, estimados, de que é auctor, o sr, Keil, sendo o compositor da musica da *Dona Branca*, é, tambem por grande parte, delineador das scenas e lances do seu *libretto*, uns colhidos no poema de Garrett, outros de sua propria imaginativa para a exigente disposição das conveniencias scenicas.

«Por qualquer das phases porque se considere a sua aptidão, poeta, pintor, ou musico, e até a considerá-lo por todas tres, o poema de *Dona Branca* necessariamente devia seduzir uma imaginação tão reflectida e sonhadora, como a d'elle, para quem, desde muito novo, o estudo e o amor do trabalho, foram distinctivo de organização e uma das forças do seu talento.»

Alfredo Keil nasceu em Lisboa a 8 de julho de 1854. E' filho do conhecido industrial Christiano Keil, o alfaiate que adquiriu fama e riqueza, pelas inspirações que tem na sua magica thesoura.

Feita a sua-primeira educação no collegio inglez a Entre Muros, foi estudar pintura na academia de Nuremberg, dirigida pelo grande escultor Kreling.

Voltando, por doença, á patria, em 1870, em Lisboa continuou os seus estudos, e em 1874 foram premiados, na Exposição Promotora de Bellas Artes, os seus bellos quadros—*a Sésta* e *a Meditação*. Em 1875 alcançou menção honrosa na Exposição de Paris, pelo seu quadro *Melancolia*, que tambem alcançou o premio pecuniario offerecido pelo governo portuguez. Premiado foi tambem nas exposições do Rio de Janeiro (1879) e Madrid (1881). Nos annos seguintes, em todos os certamens em que se apresentou, obteve as mais justificadas distincções.

Nas galerias dos paços da Ajuda e das Necessidades, e dos palacios dos srs. duque de Palmella e conde de Daupias, estão em exposição permanente formosas télas que nobilitam o nome do nosso illustre compatriota.

Ao passo que pintava, compunha.

Os seus estudos foram feitos sob a direcção do notavel pianista hungaro, Oscar de la Cinna, e do afamado compositor portuguez, Ernesto Vieira, que lhe ensinou harmonia e instrumentação. Depois, o estudo intelligente de todos os dias, a fortalecer-lhe a vocação, completou o maestro.

Andam publicadas innumeradas composições suas—*Orientaes, Teus olhos negros, Souvenir de Vienne, Carnaval, Romance*, dois volumes de melodias, etc., etc.: uma longa lista de manifestações de talento.

Tal é a biographia, até hoje. A de amanhã ha de ter paginas mais doiradas, porque, para as emoldurar, está Alfredo Keil recebendo os primeiros louros no palco de S. Carlos.

A COLUMNA DA BASTILHA

Quando Carlos V fixou a sua residencia no palacio de S. Paulo, não se achou sufficientemente protegido pelas fortificações que Estevam Marcel mandára levantar na extremidade da rua de S. Antonio em Paris, e ordenou a construcção do vasto castello, depois conhecido pela Bastilha, que permaneceu de pé durante tanto tempo, como emblema do despotismo.

Foi Hugo Aubriot, preboste dos mercadores, quem, em 22 de abril de 1869, collocou a primeira pedra do edificio.

Ali foram sepultados os jansenistas e os convulsionarios de Saint-Médard, a pobre epileptica Joanna Lelievre, e ali soffreu até o cadafalso o pobre governador da India, Lally, culpado de offensas para com os cortezãos.

A este martyrologio, podem accrescentar-se os nomes de Senglet Dufresnoy, de Voltaire, de Linguet, de Latude, de Mascara de ferro, de La Bourdonnai, de la Chalotais, de Richelieu, de Le-Maistre de Sacy, e de muitos outros pertencentes a todas as classes da sociedade.

A Bastilha era, pois, para o povo de Paris, o emblema sempre ameaçador do arbitrio e da oppressão; recordava os soffrimentos de um grande numero de prisioneiros sepultados vivos n'aquelle recinto lugubre, culpados de terem fallado levemente de uma amante ou de um laçao do rei.

Foi essa a razão porque esse mesmo povo inaugurou o novo direito das nações, tomando a Bastilha em 14 de julho de 1789, e arrazando-a até aos alicerces.

Fragmentos das suas pedras ornaram, em medalhões, os collos das mulheres, e a municipalidade mandou celebrar no anno seguinte, e n'aquelle mesmo recinto, uma festa patriótica, á qual assistiram os deputados dos departamentos.

Hoje, no terreno que a Bastilha occupava, eleva-se uma columna de bronze encimada pelo genio da Liberdade, que foi erigida no reinado de Luiz Philippe, em memoria da revolução de 1789 e dos dias de julho de 1830.

Essa columna está representada na nossa estampa de hoje.

FREDERICO II

Imperador da Allemanha

O novo imperador da Allemanha, Frederico III, (Nicolau Carlos Frederico Guilherme), cuja dolorosa enfermidade prende, ha tanto tempo, as atenções e as sympathias da Europa inteira, nasceu a 18 de outubro de 1831, e desposou, em 1858, a filha mais velha da rainha de Inglaterra, a princeza Victoria, de quem tem tido muitos filhos.

Os allemães designam-n'o, geralmente, pelo appellido familiar de Fritz.

O novo soberano allemão possui altas qualidades militares. Em 1864, fez a sua primeira campanha contra a Austria. Durante a ultima guerra franco-allemã, commandou brilhantemente o terceiro exercito.

O imperador Guilherme, seu pae, promoveu o a feld-marchal, em 28 d'outubro de 1870, no proprio dia em que Bazaine entregava Metz aos allemães.

Paulo de Vasili, no seu livro intitulado *La société de Berlin*, fez, nos seguintes traços, o retrato do novo imperador, que então era apenas o *Kronprinz*:

«O principe real não se revelou por ora como homem de acção; é um pae de familia em toda a accepção da palavra. Parece viver apenas para sua mulher e adorar os filhos, á excepção do mais novo, cujo espirito ousado receia. Muitas vezes se diz na côrte que as suas ideias politicas são do dominio do sonho. Fez d'elle um perfeito inglez pelo coração, a admiração apaixonada que professa pela princeza. Ha vinte e cinco annos que elle vive na situação de principe que pode de um dia para outro ser rei, e ha vinte e cinco annos que o irrita a posição falsa e subalterna em que o conservam.

O imperador e Bismarck teem-n'o em conta de utopista; o principe ama as artes, anima as letras, e não nos admira que o character de Augusto fosse o seu idéal; protege Virgílios inferiores que—confessamos—nem reunidos valem o grande Virgilio.

Quando subir ao throno, ha de fazer uma politica completamente differente da de seu pae. Por isso põem a esperanza n'elle todos que, no imperio ou fóra do imperio, detestam esta politica; enganar-se-hão elles? Será o principe homem capaz de tomar qualquer resolução ou de ao menos a tomar a tempo? De um trato frio, não se sente a gente á vontade em presença d'elle, apesar do bom humor que possui. Mais familiaridade que benevolencia. Um coração devéras bom, o que não obsta a que os seus detractores pretendam que o principe nunca conseguirá, como soberano, situação mais prospera do que a que tem conseguido como herdeiro do throno.

Não tem ambição alguma, mas apenas o desejo legitimo de reinar. Apesar da sua infinita bondade, nunca esquece uma injuria. Sob o reinado d'elle haverá paz na Allemanha e o prolongar se esse reinado seria para a França a ventura maxima. Não é popular no exercito. E' discutido, na alta sociedade, até pelos que mais de perto o tratam, não como intelligencia mas como capacidade politica. Tem-se dado curso a lendas que lhe são desfavoráveis. O pae teme-o e faz quanto pôde para o metter na sombra; o filho contesta lhe o valor. E' tão grande o conceito em que o paiz o tem, como pequeno o de que elle gosa entre a propria familia.

MODAS

Chamamos a atenção das leitoras para os dois esplendidos figurinos publicados hoje no nosso semanario.

Costume em pekin de seda malva e branca e *peau de soie* malva. Corpete formado por uma *draperie* cruzada, presa no hombro direito por um laço de fita. O corpinho abre em decote sobre nma camisinha de seda. Mangas justas, com cambões de setim branco. Uma larga facha da mesma fazenda forma apanhado atraz e levanta aos lados em anquinhas, sendo separada do corpete por um cinto russo de setim branco, cahindo ao lado em longas *coques*. Saia lisa de pekin de seda, com riscas brancas e côr de malva.

São precisos, para a confecção d'esta toilette, 6 metros de pekin e 1½ de *peau de soie*.

Toilette de recepção em faille e renda. Corpete, abrindo em cima, em coração, sobre um plissado de cambraia de seda. Mangas justas, sobre o curto, enfeitadas nos hombros com jockeys. Saia, preeguada atraz e coberta na frente com dois folhos altos de renda de Chantilly; uma comprida *draperie* forma ponta ao lado, e vai apanhar atraz, em puff muito alto, cobrindo parte do avental de renda.

Faz-se esta toilette com 22 metros de faille e 4 de renda de grande largura.

MORTE DO DUQUE D'ORLÉANS

A nossa gravura dá idéa do desastre que victimou, em julho de 1842, Fernando Philippe Luiz Carlos Henrique, duque de Orléans, filho primogenito de Luiz Philippe, rei de França.

O duque, tendo de partir para o acampamento de Guert-Omer, foi a Neuilly despedir-se de sua familia.

No caminho para aquelle local de bocaram se lhe os cavallos do trem, e, ou porque o principe quizesse saltar do carro ou porque fosse arremessado d'elle pela carreira desordenada dos cavallos, caiu na calçada, queda de que lhe resultou a morte em poucas horas.

O duque de Orléans tinha 32 annos quando morreu, e deixou dois filhos: o conde de Paris e o duque de Chartres.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas

Quaresma, tempo sagrado.
N'estes dias melancholicos,
Que tudo anda confessado,
Com affan, mui procurado
Eu sou p'los fiéis catholicos.



MODAS

Por saber, naturalmente,
O que é, o leitor se pella;
Se curiosidade sente,
Pode ver, porém, somente
Na basilica da Estrella.—1

Se em lá ir, por um bocado.
A vontadinha em si medra,
Vá; porém tome cuidado,
Não o apanhe, descuidado,
Pela tóla, alguma pedra.—2

Então, vamos a sahir,
Diga-me cá, meu amigo,
Se poudes o todo saber;
Eu, razão, não heide ter
Quando em quintilha lhe digo:

Quaresma, tempo sagrado,
N'estes dias melancolicos,
Que tudo anda confessado,
Com affan, mui procurado
Eu sou, p'os fieis catholicos?

Com do rabanete a côr,
Digo:—E' prima vertical
—Attente n'isto, leitor,—
D'animal.

Eu da côr da malagueta,
Affirmo, soltando um berro:
A segunda,—e não é petal—
E' de ferro.

E digo, côr de cereja,
Que é primeira horisontal;
—Não duvide que assim seja,—
Animal.

E a segunda,—não me fioja,—
Oh leitor, que tem catarrho,—
Eu lhe digo, côr de ginja,
E' de barro.

A' côr da papoula igual,
Lhe brado que, co'a que topa
Na primeira diagonal,
Bem galopa.

E afinal, côr de zarcão,
—Linda côr, has de convir!—
Podes crer, sem mangação,
Faz-nos rir.

Porque hoje, tão encarvado,
Venho, sabes, charadista?
Porque sou um assanhado
Anarchista!

MATHEUS JUNIOR.

Quebra-cabeças

Qual é o nome proprio que, anteposta a 4.^a letra, dá um outro nome proprio?

Qual é palavra religiosa que, trocada a 1.^a letra para o logar da 4.^a e vice-versa, dá um nome de lorpa?

Lisboa.

A. BAPTISTA.

Decifrações

DAS CHARADAS: —Jornalista—Gabarola—Caçongo—Guiabella—Ave-Maria.

DO LOGOGRIFHO:—Pacobeira.

DO PROBLEMA:—

$$(5705000 - x) = (x - 4205000)$$

Tinha custado 4505000 ré.s.

UM CONSELHO POR SEMANA

OVOS A' INGLEZA

Batem se quatro ovos bem batidos, lança-se na certã uma colher de manteiga, e um pouco de leite, na porção de uma colher de chá. Meche-se tudo, que deve estar a fogo brando até que os ovos fiquem esfarrapados em flocos. Depois de bem cosidos, barrem-se as fatias de pão.

TENTAÇÃO

(Ao Sr. Dr. CANDIDO DE FIGUEIREDO)

Julgava ter o coração bem morto,
Morto, incapaz de uma outra vez sonhar,
Desde que achou só tédio e desconforto
N'esse adorado e fermentido olhar.

Mas, ao partir da ultima esperança,
Zeloso ao mar o rei de Thul lançara
—Doce penhor da mais gentil creança,—
A regia taça mysteriosa e rara.

E essa joia por onde, até á morte,
Bebeu saudoso o balsamo das magoas
O enamorado e velho rei do norte,
Pude arrancar-a ao turbilhão das aguas!

Desde que é minha a taça capitosa,
Uma embriaguez anciantes me devora:
Queima-me o sangue e a vida é deliciosa
Como se fosse uma esplendente aurora!

Perfume ideal de um sobre-humano amor,
Subtil veneno que a minh'alma afaga,
E' de illusões estranhas o liquôr
E já me encanta e me adormenta e esmaga!

(Das Verbenas)

ALBERTO OSORIO DE CASTRO.

UNS COMEM OS FIGOS...

Olhei para esta mulher na cidade.—1-2
Assim não me levas, porque este animal é liga.—1 1-2
Na cidade, corre este passaro.—3-2
A cidade, estava alegre n'esta função.—2-2
Na musica, na musica, na musica, da musica.—1-1-1
Tira e anda para cá esta villa.—2-1
Cobre e não é pobre esta aldeia.—2-2
Do homem, do sapateiro, da flôr.—1-2

INSIPIDO.

Uma noite, n'uma d'aquellas reuniões de rapazes, em que pullulam as recordações, quando nos transportamos em pensamento ás regiões do passado, tinha cada um de nós contado a

sua aventura da mocidade. Só o Amaral, que, havia pouco, fôra nomeado delegado na comarca de S..., é que se tinha conservado mudo toda a noite. Preguiçosamente estirado n'uma poltrona, seguia com olhar, distraído o fumo do charuto na sua ascensão caprichosa.

—Olá! ó José, gritou-lhe o Coutinho, advogado então em Lisboa, imaginas-te já na audiência, não queres dar atenção ao cavaco, hein? Vejam que ares aquelles tão graves... Está alli com uma cara mais abotoada que o sobretudo, sob o qual todos adivinham, logo á primeira vista, o respeitavel órgão da vindicta publical. Vamos lá, ó José! conta nos tambem uma historia, mas boa!... d'aquelle tempo em que tu usavas umas nizas muito curtas, que por signal ficavas sempre a dever ao Gonçalves alfaiate!

—Meus amigos: eu podia, podia tambem contar lhes uma aventura, em que, por signal, para lhes fallar a verdade, não representei um papel muito sympathico.

Nunca penso n'ella que não sinta remorsos... estou até com medo de ser mal julgado por vocês, se lh'a contar.

—Conta sempre, respondeu-lhe o Coutinho, e formula depois os quesitos contra ti. Podes contar já com o bom resultado, porque se condemnaram o reu, applaudirão o delegado.

Vá!... tem a palavra o sr. dr. Amaral! bradou o Coutinho em tom burlesco, de juiz de Boa Hora.

—Vocês recordam-se d'aquelle agulheiro em que eu habitei na rua dos Anjos, em 1874, onde uma noite celebrámos aquella memoravel bachanal, para festejarmos a minha formatura? Foi de tal ordem, lembram-se? que no dia seguinte o senhorio, que tinha loja no Campo de Sant'Anna, hoje de outros martyres, os da Patria, o Topa a tudo, como vocês lhe chamavam, (tambem já então os havia,) o senhorio, dizia eu, emprazou-me para pôr escriptos apenas findasse o semestre.

O predio era habitado de alto a baixo por gente pacata, que recolhia cedo e que se deitava com as gallinbas, o que lhe valeu a alcunha de *gallinheiro*, como lhe chamava o Malheiro, n'aquelle tempo em que ainda não era lente, como hoje, d'uma escola superior.

Entre os inquilinos do predio havia dois que representaram um papel muito importante n'esta historia.

Eu lh'os apresento:

O primeiro habitava o quarto ao lado do meu. Era um rapaz esgrouviado, 26 a 27 annos, trigueiro, côr baça, esguio e arqueado, usava a barba toda e cabello tambem todo. O pobre diabo era muito desleixado no fato, cuidava pouco de si, coitado! trajava sempre uns balandras muito compridos, de panno preto, muito franzino, calça de funil, o inevitavel chapéu alto de aba murcha e descambada e uns sapatos de laço, oblongos como duas pirogas. Os sapatos e as costuras do casacão viam-se por todos os lados; eram muito mais alegres do que o dono, cuja physionomia tinha o cunho da tristeza resignada. Possuia uns bellos olhos, bulçosos mesmo, mas que ás vezes se lhe cobriam com um veu de melancolia.

Na rua caminhava sempre rente da parede, cabisbaixo, sobraçando uma saccola, ou burnal de coiro engraxado, atafalhado de livros e papeis. Apesar do seu ar inoffensivo, nós alcunhavamos-l'o de Nihilista, por causa d'aquelle seu modo mysterioso e lugubre.

O rapaz passava uma vida pacata. Nunca ouvi á sua porta o minimo ciciar de saias, ou o estalido d'um beijo. Atravez do tabique que separava os nossos quartos, nunca ouvi vozes alegres, nem, que me lembre, me impediu de dormir uma só noite sequer.

Outro tanto não acontecia no meu quarto, o que, afinal de contas, é mais um exemplo da justa compensação das coisas d'este mundo.

Quanto á outra pessoa de que tenho que fallar, essa era uma mulher...

—Ah! ah! interromptemos nós em côro.

Uma rapariga nova e encantadora que vivia com seu marido, marido como qualquer outro, no andar superior ao meu. O typo genuino da costureirinha franceza. Por baixo da aba do chapellino espumavam-lhe, frisados, os cabellos curtos cahindo-lhe nos olhos. A boquinha era o mais pequenina que se pode desejar na mulher... do proximo, sempre entre aberta, a pedir beijos, deixando ver uma fiada de dentinhos alvissimos e pequeninos, entre dois labios purpurinos, um pouco humidos e roliços. O nariz um nadinha retorcido na ponta e o rosto curto e redondo, sem saliencias, e uma covinha em cada face.

Analysada por miudos não direi que fosse uma belleza; mas o conlucto era tentador!

Eu encontrava-a muitas vezes na escada. Ella costumava descer os degraus aos saltinhos, como um pardal quando pula de ramo em ramo.

Quando me desviava para a deixar passar, fazia-lhe sempre um respeitoso cumprimento, uma venia á Izabel Maria, a que ella correspondia com um sorriso malicioso e encantador como quem diz «Bom dia vosinho.»

Por signal, um d'esses sorrisos valeu-me uma occasião uns olhares fuzilantes do Nihilista, com que eu ri a valer, com a lembrança, devéras comica, de que o pobre diabo podesse estarapai-

xonado pela pequena, elle um machacaz que fazia dó, e ella uma creatura angelica, vaporosa!...

N'um dia muito frio de dezembro, estava eu a aquecer-me com todo o preceito ao brazeiro, com as solas das botas já meio assadas, fumando o meu cigarro e saboreando as paginas mimosas das *Folhas cahilas* do Garret, quando oiço baterem-me á porta. Vou abrir e imaginem qual não foi o meu espanto quando me encontro cara a cara com a gentil visinha. A rapariga entra precipidamente pelo quarto, com a mão no coração, como para comprimir-lhe as palpitações, para diante de mim, fita-me com um olhar magoado, mas suavissimo, e exclama com a voz ainda arquejante:—recebi a sua carta e como vê, vim immediatamente...

Eu estaquei, apalermado, defronte d'ella, de gorro azul na mão, convencido de que havia de estar com uns ares de idiota sem confeição. Estive és não és para declarar-lhe que não tinha escripto uma unica linha, mas reflecti que isso era ainda de mais idiota.

A occasião não podia ser mais propicia, mais tentadora; vocês que o digam... Pois eu havia de ser tão imbecil que a deixasse ir embora, declarando-lhe simplesmente que estava enganada? Isso era uma patetice, pois não era?

Todos nós concordámos, que era preciso ser um parvo chapado para deixar fugir occasião tão azada e deixamol-o continuar a historia.

—Baluciei não sei bem que palavras de grata commoção, instando com ella para que se sentasse ao pé do brazeiro.

—E será verdade tudo o que escreveu? pergunta-me ella.

—Pensando com os meus botões que demonio poderia dizer a carta que ella me attribuia, fui-lhe protestando que o seu conteúdo era a pura expressão dos meus sentimentos.

—Ama-me, não é assim?

—Ah! logo vi que não podia deixar de ser alguma declaração! pensei eu, alliviado d'um grande peso.

—Oh! sim!... exclamei com voz cava de galan dramatico. Adoro-a com toda a immensa ternura da minh'alma! Vivo de si e só para si! Os poucos instantes de felicidade que tenho n'este mundo, são apenas aquelles em que me é dado vel-a e admirar-a! A sua existencia de tal modo se confundiu com a minha que, sem o angelico sorriso dos seus labios, sem o esplendor divino dos seus olhos, a vida tornar-se-me-hia insupportavel! Que de noites mal dormidas contemplando com os olhos da alma a sua gentil imagem!... Rendido á fadiga do espirito, cerro emfim os olhos murmurando ardentes votos de amor, a vel a ainda, a fada dos meus sonhos!...

Quantas vezes, mal desperto, em sobresalto, julgo... perdoe-me... julgo estreital-a nos meus braços, crendo sentir n'um beijo infindo os meus labios collarem-se aos seus, assim... E exemplificando a imagem, com o braço com que levemente a havia cingido, attrahia-a a mim, collando um beijo na sua boquinha encantadora, entre-aberta, de labios purpurinos, um pouco humidos e roliços...

—Ella correspondeu ao meu beijo...

Que mais querem que lhes diga?...

A luz crepuscular começou a invadir o quarto, d'ahi a pouco veio a noite e ficamos alumiados apenas pelo reflexo vermelho do brazeiro...

Apoz largo intervallo, embevecidos na nossa felicidade, trocavamos apenas a meia voz dulcissimas phrases d'amor; ella com pejo, eu jubiloso; fitando-nos a espaços demoradamente, n'um extasis de ternura.

N'isto o relógio soou seis horas. Ganoevva, era este o seu nome encantador, ergue a cabeça e cingindo-me os hombros com os braços nus—como era linda assim!— exclama: Louco!... era esta a hora em que determinavas matar te, se eu não viesse... que loucura!... Acudiu-me então á memoria a carta a que tinha devido a minha ventura, reflectindo que o maganão que a escrevera havia recorrido ao estratagemá já muito gasto, do suicídio.

Que espertalhão! disse eu commigo e dissimulei a custo, n'um beijo, a vontade de rir. Ella apertou-me de encontro ao seio e ficámos abraçados.

De repente, n'um instante de silencio, ouvimos o estampido d'um tiro, que parecia ter sido disparado mesmo dentro do quarto.

Solto-me dos braços da rapariga, levanto-me n'um pulo e agarrando á pressa n'um paletot, corro á escada.

A esse tempo, já vinham subindo apressados todos os moradores do predio, lendo-se nas suas physionomias a curiosidade e o susto. A unica porta que se conservava fechada era a do tal sujeito meditabundo; o meu visinho de que lhes fallei.

O coração parecia querer saltar-me pela bocca. As interrogações cruzavam-se precipitadas e rapidas.

—Foi além, exclamavam todos, apontando para a porta fechada. Arrombo-a, entro precipitadamente como um criminoso e depara-se-me estendido no chão e todo manchado de sangue, um vulto negro, com os braços cruzados e um buraco na testa. Era o meu visinho, o matuto, que tinha cumprido a promessa.

—Ora aqui tem vocês como se assassina por procuração.

A VINGANÇA DE MILADY

Milady, M... nada tem realmente inglez, a não ser os cavallos, o seu *groom* e o seu marido.

Occupa-se muito do seu *groom* e dos seus cavallos, e muito pouco de milard M...

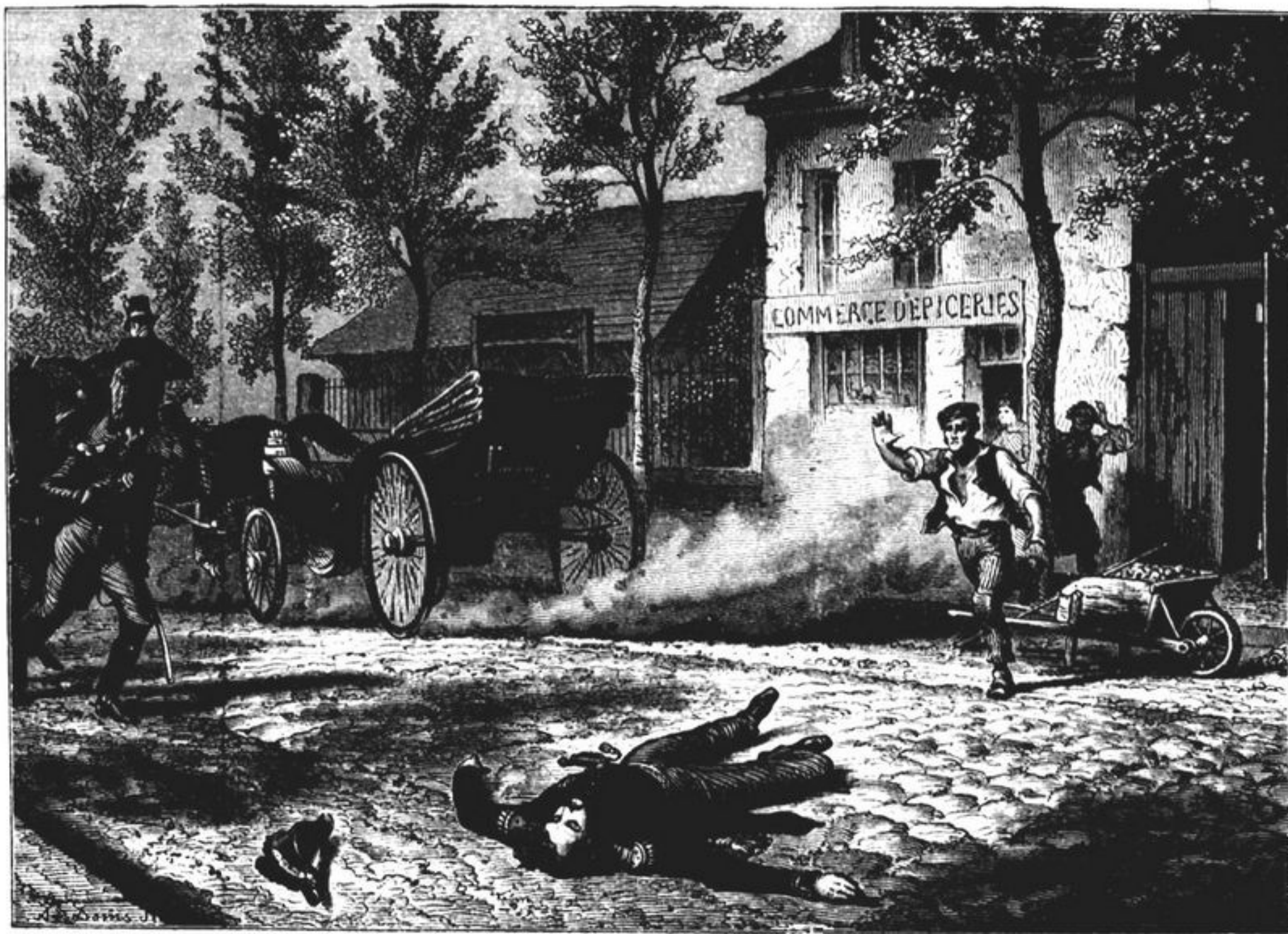
Quando uma mulher já enganou, uma ou duas vezes, o seu marido com um ou dois tolos inferiores a elle, o habito torna-lhe tão necessario um amante, como é indispensavel á minha priminha um bastidor quando ella borda. D'ahi por deante precisa constantemente junto de si a vida d'um homem para tramar ou bordar as suas cruéis phantasias, o coração d'um homem que lhe sirva de pregadeira onde ella crave as agulhas do seu egoismo. Algumas vezes, é factó, por capricho ou desfatio, livra-se repentinamente do amor e do amante, da mesma forma que a minha priminha, cançada de ter feito pela vigesima vez a mesma flor cõr de rosa e verde, se zanga bruscamente, bate com o pé no chão e põe de lado o bastidor e a caixa das lãs, o que não impede que no dia seguinte a encontremos mais attenta que nunca, encostada á vidraça da sua janella, com a agulha na mão, apenas com a

cia, inflingiria a lei salica. Algumas vezes mesmo,—tal é o seu zel^o e terror!—dispõe, como se se tratasse d'um defuncto, os despojos d'um amor que ainda está agonizante. Dôr precoce, veste-se de lucto por quem ainda vive! Consolação prematura, os beijos de outra bocca bebem nas suas faces as lagrimas que ella ainda não tem motivo para derramar; e aquelle que é apenas um usurpador, julga-se assim um successor legitimo.

Na manhã em que começa esta historia, milady M... , branca e loura como vapor dourado pelo sol, dormia ainda entre nuvens de sedas e de rendas, quando uma creada entrou na ponta dos pés, affastou discretamente as cortinas das janellas, e entregou uma carta a sua ama. Milady rasgou vagarosamente o sobrescripto, esfregou os olhos com infinita graça e leu, não sem surpresa, o seguinte bilhete:

Milady e querida Julietta:

Haverá cinco semanas que, em duas horas, collei meus labios á ponta da vossa luva, uma luva d'um tom indeciso e encantador, como só teem aquellas que encobrem vossos dedos. Ha exactamente um mez que, em duas horas tambem, nos permit-



MORTE DO DUQUE DE ORLEANS

differença de ter mudado o desenho do seu bardado. E assim como se borda sem pensar n'isso, se tem um amante sem elle ser amado; estas pequenas distracções de cabeça permitem toda a liberdade ao coração.

A mulher que n'um dia de chuva ou de baile adiado, poz o seu amante fóra do seu boudoir e da sua vida, na mesma tarde d'esse dia reparará a brecha feita nos seus habitos e preencherá o lugar vago na sua ottomana, a não ser que prefira ver o aborrecimento a introduzir-se na sua existencia como um lagarto pelos buracos de ruinas deshabitadas. E no fim de contas bem desejava ella sopear esse animal que se chama o habito; mas se experimentase resistir-lhe, em breve a força d'um, crescendo á proporção que a do outro diminue, em breve, em tres dias, vencida, em lugar d'um amante, ella teria dois!

Milady M... está tão convencida da inutilidade de qualquer resistencia, que nunca pensou em sustental-a. E' uma mulher cujo coração tem bom senso. Não podendo desembaraçar-se de certas exigencias, submete-se a ellas de boa vontade; e, como é rica e de boa familia, de nada lhe importa a opinião que d'ella formem. Quanto ao seu marido, viaja na primavera, dorme no verão, caça no outomno e joga o *bonillote* no inverno.

Ella tem tanto receio do vacuo tranquillo que rodeia uma mulher sem amor, que lhe resta esta lembrança para estremecer da ponta das orelhas á ponta dos pés. Mais depressa se sujeitaria a fazer uma pessima escolha, do que a não fazer nenhuma.

Tem horror ao interregno; para evital-o, em caso de urgen-

tistes que os meus labios beijassem os vossos dedos nus, pequeninos dedos d'uma brandura rosea, como só se encontram sob as vossas luvas.

Levastes uma semana inteira a tirar as luvas, uma semana encantadora, toda cheia das impaciencias de quem espera e das *coquetteries* da incerteza.

Passados estes oito dias, tempo de espera usado entre pessoas que sabem viver mas que não sabem amar, o encanto foi-se dissipando a pouco e pouco e nós cessámos de agradar um ao outro desde a noite em que agradámos reciproca e definitivamente.

Em breve, querida Julietta, detestar-nos-iamos; tu não deixarias de contar a madame X... ou a madame Z... mil cousas que comprometteriam o meu futuro juncto d'ellas; eu, por meu lado, calumniaria talvez os teus cabellos ou os teus dentes, o que te prejudicaria na estima de M. de B... Evitemos, pois, este desenlace ridiculo, e cessemos de nos amar, com receio de que nos odiemos.

Adeus.

Auriliano de P.

—Impertinentel exclamou milady Julietta quando terminou a leitura.

Deixou-se escorregar na cama, e escondeu os seus pequeninos pés cõr de rosa nas chinellas de setim azul que Marietta lhe chegou.

(Continúa).

CATULLE MENDÈS.